

O seringal amazônico do início do século XX nas obras de Ferreira de Castro em Firmino Teixeira do Amaral*

Geraldo Magella de Menezes Neto^{2**}

Introdução

- Cada seringueira leva tantas tigelinhas conforme for a grossura dela. Uma valente, como aquela piquiá que você está vendo ali, pode levar sete. Uma assim como esta leva cinco ou quatro, se estiver fraca. Corta-se de cima para baixo e, quando se chega a baixo, o machadinho volta acima, porque a madeira já descansou.³

¹ * Este capítulo é uma versão revista e ampliada do artigo "História ambiental e literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral", publicado originalmente na revista *Tempos Históricos* (2011). Agradeço ao professor Francisco Bento (UFAC) pelo convite para publicação neste livro.

² ** Professor da graduação e da pós-graduação em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e do ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC). Doutorando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

³ CASTRO, *A Selva*, 2002, p. 90.

Seguem num trote ligeiro
ali pelas manhãzinhas
vão golpeando as madeiras
embotando as tigelinhas,
vão assim nessa jornada
andando toda estrada
madeiras por madeirinhas.⁴

Os dois trechos acima fazem referência ao cotidiano do trabalho dos seringueiros no seringal. Tais personagens eram os responsáveis pela extração do látex no processo de produção da borracha na Amazônia. O primeiro trecho faz parte do livro *A Selva*, do escritor português Ferreira de Castro; já o segundo trecho trata-se de versos do folheto de cordel *A vida do seringueiro*, do poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral. Ambos os autores tiveram a experiência do trabalho nos seringais da Amazônia no início do século XX.

Tais obras também possibilitam uma análise das relações entre o homem e a natureza, relação esta bastante presente no cotidiano dos seringueiros, que acabavam por conferir diversas impressões sobre a Amazônia e o cenário do seringal. Nesse sentido, a literatura de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral nos permite explorar algumas discussões referentes ao campo da chamada ‘história ambiental’.

Segundo Donald Worster, o campo da história ambiental começou a tomar forma nos anos 1970, “quando houve diversas conferências sobre a grave situação global e os movimentos ambientais cresciam, popularizando-se.”⁵ Os primeiros a cunharem o termo ‘história ambiental’, segundo Regina Horta Duarte, foram historiadores norte-americanos, reunidos em 1977, em torno da fundação da “Sociedade Americana de História Ambiental e da revista *En-*

⁴ AMARAL, *A vida do seringueiro*, s/d., pp. 9-10.

⁵ WORSTER, *Transformações da terra*, 2003, p. 24.

vironmental History, especializada no tema, além dos congressos anuais organizados. O objetivo principal da história ambiental é o “entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.”⁶

Uma das principais características da história ambiental é a sua interdisciplinaridade, na medida em que é um campo que sintetiza muitas contribuições de outras disciplinas. José Augusto Drummond também considera na história ambiental “a grande variedade de fontes pertinentes ao estudo das relações entre as sociedades e o seu ambiente”. Neles se encontrarão informações abundantes sobre os “conceitos, os usos, os valores atribuídos e a disponibilidade de recursos naturais”.⁷

Dentre as fontes citadas por Drummond, temos as utilizadas na história econômica e social, como os “censos populacionais, econômicos e sanitários, inventários de recursos naturais, imprensa, leis e documentos governamentais, atas legislativas e judiciárias, crônicas”; além de “mitos e lendas e relatos de exploradores, viajantes e naturalistas europeus.”

Entendemos que a literatura também é uma fonte que pode ser utilizada no campo da história ambiental, já que por meio das obras literárias podemos refletir, por exemplo, sobre os conceitos, usos e valores atribuídos à natureza em diversos momentos históricos. Nesse sentido, o presente artigo trabalha com dois autores que atribuem valores e representações sobre os seringais da Amazônia no início do século XX, os já referidos Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral. O primeiro é um escritor consagrado pelo cânone literário, fazendo parte da chamada ‘literatura erudita’⁸; o segundo é um poeta de cordel, que produzia versos em

⁶ WORSTER, *Para fazer história ambiental*, 1991, p. 199.

⁷ DRUMMOND, *A História Ambiental*, 1991, p. 182.

⁸ O cânone literário reúne as obras consagradas pelas instituições legitimadoras das belas-artes, tais como as Academias de Letras. Segundo Pierre Bourdieu, “o produtor do valor da obra de

folhetos, sendo considerado ‘popular’.⁹ Entretanto, cabe salientar que, conforme aponta Antonio Celso Ferreira “o estabelecimento dos juízos estéticos não cabe na pesquisa histórica”. Desse modo, “devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais.”¹⁰ Assim, também na história ambiental é possível trabalhar com diferentes obras literárias nas quais podemos explorar algumas questões sobre as relações entre o homem e a natureza, mesmo que tais obras não tenham o mesmo valor para os críticos literários.

Dessa maneira, ao nos propormos a analisar as obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral, concordamos com a perspectiva de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, de que a literatura para o historiador é tomada como um “testemunho histórico”, sendo parte de sua investigação “destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói

arte não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir a crença no poder criador do artista.” Bourdieu aponta ainda que a obra de arte só existe enquanto “objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados da disposição e da competência estéticas necessárias para a conhecer e reconhecer como tal.” (1996, p. 259). Nesse sentido, tais obras reconhecidas no campo literário fazem parte da chamada ‘literatura erudita’. As obras que estão fora desse campo recebem outras denominações, por exemplo, ‘literatura popular’.

⁹ Os folhetos de cordel são impressos em papel pardo, de má qualidade, medindo de 15 a 17 x 11 cm. Nas capas se estampam o nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia impressora e seu endereço. Algumas vezes, a data de publicação, o preço, a indicação do local de venda. TERRA, **Memória de lutas**, 1983, p. 23. Em relação ao número de páginas, Joseph Luyten aponta que o folheto é feito a partir de uma folha tipo sulfite dobrada em quatro. Por isso, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito, já que cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas. LUYTEN, **O que é literatura de cordel**, 2005, p. 45. O folheto se distingue também pela sua forma poética, que é a característica fundamental do cordel. Não existe cordel em forma de prosa, apenas em forma de versos rimados. Márcia Abreu afirma que para adequar-se à “estrutura oficial” da literatura de cordel, um texto deve ser escrito “em versos setessilábicos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Deve seguir um “esquema fixo de rimas e deve apresentar um conteúdo linear e claramente organizado”. Deve, portanto, ter “rima, métrica e oração.” ABREU. **Cordéis e folhetos**, 1999, p. 119.

¹⁰ FERREIRA, A fonte fecunda, 2009, p. 71.

ou representa a sua relação com a realidade social.”¹¹ Não descartamos aqui que tais autores se valem de recursos estilísticos e efeitos retóricos, contudo, as obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral não deixam de revelar aspectos de suas experiências pessoais nos seringais da Amazônia do início do século XX, já que ambos tiveram a experiência do trabalho nos seringais.

Vida e obra dos autores: Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral

José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), um dos precursores do Neo-realismo português¹², nasceu em Salgueiros, freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis, Portugal. Parte de Ossela (6 de Janeiro) com destino a Leixões, embarca (7 de Janeiro) no vapor inglês “Jerôme” rumo a Belém do Pará, cidade que vivia ainda do fausto proporcionado pela borracha. Durante 28 dias fica na casa de um conhecido da família que, não o protegendo como se esperava, despacha-o a bordo do “Justo Chermont” para o seringal “Paraíso”, nas margens do rio Madeira, braço do Amazonas. Nos anos de 1912 e 1913, vive em plena selva, trabalhando como caixeiro. Escreve os primeiros contos e crônicas enviando-os para jornais do Brasil e de Portugal. Redige o romance *O Amor de Simão*, título que virá a modificar mais tarde para *Criminoso por Ambição*. Já em 1914, o dono do seringal perdoa-lhe a dívida, per-

¹¹ CHALHOUB; PEREIRA, *A História contada*, 1998, p. 7.

¹² A partir de 1938 surgiu um movimento literário em Portugal conhecido como Neo-realismo, que apresentava como principais traços definidores uma forma explícita de solidariedade e de “intervenção transformadora”. Outras características do Neo-realismo: “adota o método do materialismo dialético que tem por fim revelar o real em sua essência. Para tanto, admite a interpretação do real, bem como concebe a criação literária já como práxis transformadora”; “a utopia se projeta na transformação da sociedade desigual em uma sociedade igualitária”; “o herói do romance neo-realista é coletivo, os nomes dos homens são comuns”; o Neo-realismo “aceita o desfocamento e o trabalho fecundante da imaginação sobre o real-objetivo, compreendendo, inclusive, o fantástico, o maravilhoso, o alegórico em sua função estética”; o Neo-realismo “não é determinista. O homem é tomado como um ser de fato determinado pela natureza humana e pela sociedade em que vive, mas o seu processo de apropriação do real-objetivo implica no ganho efetivo da consciência que, dialeticamente, lhe possibilita agir para transformar o mundo e construir seu próprio destino e a História.” PONTES, *Realismo de 70 e Neo-realismo português*, 2005, pp. 8-9.

mitindo-lhe deixar o “Paraíso” (28 de Outubro) para regressar a Belém do Pará, levando consigo o manuscrito do seu primeiro romance.¹³ Alguns anos depois retorna a Portugal e se torna um escritor reconhecido. Dentre as principais obras de Ferreira de Castro, estão *Emigrantes*, de 1928, *A Selva*, de 1930, *Eternidade*, de 1933, *Terra Fria*, de 1934.

Firmino Teixeira do Amaral (1896-1926) nasceu no povoado de Amarração, atual Luís Correia, no Piauí. Migrou para o Amazonas para trabalhar como seringueiro, sendo mais tarde um dos principais poetas da editora Guajarina, de Francisco Lopes, em Belém do Pará.¹⁴ No folheto *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas*, ele afirma que ficou nos seringais por seis anos “Da vida do Amazonas,/ O que gravei na memória/ Aonde estive seis annos/ Fui feliz contar victoria.”¹⁵ Talvez Amaral tenha saído do Amazonas no ano de 1911, como aponta nos versos a seguir: “Quem em onze não sahiu/ Hoje está prisioneiro.”¹⁶ Dentre os seus principais folhetos, destacam-se *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, considerada a “peleja mais genial e popular de todos os tempos”, *Pierre e Magalona*, *Bataclã*, *O Filho de Cancão de Fogo*, e *O Casamento do Bode com a Raposa*.¹⁷ Vicente Salles afirma que boa parte do que Amaral produziu retrata “cenas, costumes e tradições do Pará, com grande objetividade”, influenciando bastante os poetas

¹³ “Cronologia”. *Centro de Estudos Ferreira de Castro*. Disponível em: <https://goo.gl/lyhcKr>.

¹⁴ A editora Guajarina foi criada em Belém no ano de 1914, tendo como editor o pernambucano Francisco Lopes. Além da literatura de cordel, a editora publicava revistas como *O Mondrongo* e *Guajarina*, assim como uma coleção de modinhas. A editora encerra as suas atividades no ano de 1949. Segundo Vicente Salles, a Guajarina foi “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel”. Sobre a Guajarina, ver: Salles (1971); Salles (1985); Vicente (2000); Menezes Neto (2012).

¹⁵ AMARAL, *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas*, 1916, p. 9.

¹⁶ AMARAL, 1916, p. 9. A relação indicada por Amaral entre o ano de 1911 e ao fato de estar “prisioneiro” talvez se refira ao início da crise das exportações da borracha amazônica, e ao sistema de aviação, no qual os seringueiros ficavam presos ao seringal pelas dívidas contraídas no barracão.

¹⁷ Informações sobre a vida e a obra de Firmino Teixeira do Amaral retiradas do site da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel). Disponível em: <https://goo.gl/pKDVoq>.

locais, como Apolinário de Sousa e Ernani Vieira.¹⁸ Neste trabalho utilizaremos dois folhetos de Firmino Teixeira do Amaral sobre o seringal: *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas* e *A vida do seringueiro*.¹⁹

O livro *A Selva*, segundo o próprio Ferreira de Castro, foi escrito de 9 de abril a 29 de novembro de 1929, sendo publicado em 1930.²⁰ O livro conta a história de Alberto, um jovem português que, depois de migrar para Belém do Pará por motivos políticos, é enviado para o seringal Paraíso pelo seu tio Macedo. A obra retrata a trajetória de Alberto, desde a sua viagem a bordo do vapor ‘Justo Chermont’, entrando em contato com os migrantes nordestinos que também se dirigiam ao seringal, até o seu trabalho como seringueiro, e depois no barracão do seringal Paraíso.

A obra tem uma forte relação com a própria experiência de vida do autor. Ferreira de Castro afirma que “se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor.”²¹ Apesar disso, *A Selva* é escrita não em formato de autobiografia, e sim em formato de um romance em terceira pessoa. Para Vander Madeira, “ao se refletir sobre a escolha de Ferreira de Castro ter recaído sobre o romance, em lugar da autobiografia, pode-se dizer que não é a história de um só homem o que se deseja contar.” O que Castro faz, pagando sua dívida moral, “é inserir os anônimos nas crônicas, na história. Em dupla tarefa, ele luta para que não sejam esquecidos aqueles cuja existência era, na verdade, ignorada.”²² Ou seja, o objetivo do autor é o de mostrar aos leitores o drama dos seringueiros na floresta, tão

¹⁸ SALLES, *Repente e cordel*, 1985, p. 97.

¹⁹ O folheto *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas* foi publicado pela Tipografia Delta. Já o folheto *A vida do seringueiro* não possui capa e quarta-capa, não sendo possível saber exatamente a editora que o publicou, podendo ser a Tipografia Delta ou a editora Guajarina. Os dois folhetos estão disponíveis no Acervo Vicente Salles do Museu da UFPA, em Belém.

²⁰ CASTRO, 2002, p. 16.

²¹ CASTRO, 2002, p. 17.

²² MADEIRA, *Caminhos cruzados*, 2007, p. 03.

desconhecido do grande público.

O folheto *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas*, de Firmino Teixeira do Amaral, é datado de 1916. Já o folheto *A vida do seringueiro* não possui indicação da data de publicação, sendo possivelmente publicado nos anos de 1910. Os dois folhetos, que possuem 16 páginas, tratam do cotidiano do migrante nordestino que trabalhava como seringueiro na Amazônia, desde as promessas que lhes eram feitas no Nordeste, até o trabalho duro e as injustiças que sofria no seringal.²³

No folheto *Despedida do Piauí/ O rigor no Amazonas* há dois poemas. No primeiro, *Despedida do Piauí*, Firmino Teixeira do Amaral aponta que o seu objetivo é o de descrever a sua saída do Piauí rumo à Amazônia:

Nestes versos eu descrevo
Minha triste despedida
O dia que de meu lar
Fiz a [...] partida,
As saudades que me ferem,
Amor da Pátria querida.²⁴

Já no segundo poema, *O rigor no Amazonas*, Amaral assim inicia:

Vou manifestar ao público
Um pouquinho da história
Da vida do Amazonas,
O que gravei na memória
Aonde estive seis annos;
Fui feliz contar victoria.²⁵

²³ Cabe ressaltar que o seringal e as relações sociais vinculadas a esse espaço vão ser tema de vários folhetos de cordel, a ponto de Vicente Salles, por exemplo, apontar um “ciclo do seringal” na literatura de cordel e oral produzida na Amazônia. SALLES, 1985, p. 111.

²⁴ AMARAL, 1916, p. 01.

²⁵ AMARAL, 1916, p. 6.

Os dois poemas indicam que se trata de um relato da experiência que Amaral teve nos seringais da Amazônia. Já no folheto *A vida do seringueiro*, o poeta piauiense indica a intenção da história a ser contada:

Neste livrinho descrevo
a vida dos seringueiros
na luta do Amazonas
entre patrões carnicheiros;
aonde impera a ilusão
e não se vê compaixão
nem nos próprios companheiros.²⁶

Em *A vida do seringueiro*, Amaral objetiva descrever um retrato mais geral da vida dos seringueiros da Amazônia, não apenas a própria experiência, como ocorre em *Despedida do Piauí/O rigor no Amazonas*. Nesse sentido, *A vida do seringueiro* parece mais próxima de *A Selva*, já que também não é a história de um só homem o que se deseja contar.

É importante entender o contexto histórico a que se referem as obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral. Os dois autores tratam do período do auge da produção da borracha na Amazônia para o mercado internacional, período compreendido entre 1850 e 1920 para Barbara Weinstein.²⁷ A pesquisadora norte-americana aponta que por mais de sessenta anos, a indústria de produtos de borracha, setor chave do crescimento econômico das nações industrializadas, “recebia toda ou a maior parte de sua matéria-prima da região amazônica.”²⁸ Esse período ficou conhecido em Belém e Manaus como a *Belle Époque*. Maria de Nazaré Sarges aponta que uma série de melhoramentos foi realizada no espaço urbano de Belém, como “pavimentação das ruas, construção de praças e jardins, usinas de incineração de lixo, limpeza urbana, tudo isso

²⁶ AMARAL, *A vida do seringueiro*, s/d., p. 01.

²⁷ WEINSTEIN, *A borracha na Amazônia*, 1993.

²⁸ WEINSTEIN, p. 23.

controlado por um código de posturas, baseado em ideias liberais.” Entretanto, todo esse ‘progresso’ “era localizado e dirigido à área central da cidade, onde habitava a elite local e parte da classe média nascente.”²⁹

A extração do látex ocorria no seringal. O homem na posição mais baixa na rede do comércio da borracha era o seringueiro, “trabalhador que realmente se embrenhava na floresta e coletava a borracha”³⁰. A borracha vinha do látex da árvore conhecida cientificamente como *Hevea brasiliensis*, ou seringueira. Sobre o trabalho do seringueiro, Warren Dean explica que ele tinha primeiro que “localizar as árvores, depois abrir as ‘estradas’ ligando-as entre si.” A partir de numerosas pequenas incisões feitas com uma machadinha prendiam-se pequenos copos a cada incisão. Efetuava-se a sangria em dias alternados em cada estrada, sendo que o seringueiro passava duas vezes por uma estrada. Na primeira vez, “de manhã cedinho, quando o fluxo de látex era mais pesado, fazia as incisões. Depois, na segunda passagem, colhia o látex”³¹. Já Barbara Weinstein observa que um seringueiro típico era responsável por duas “estradas” de seringueiras, em que trabalhava em dias alternados. No início de cada dia de trabalho, o seringueiro circulava por uma das estradas, “parando em cada hévea para fazer-lhe um novo talhe e fixando uma pequena tigela para recolher o látex que seria secretado através do corte feito.” A seguir, refazia o mesmo percurso “para coletar o líquido que se acumulara nas tigelas e retornava à cabana para iniciar a etapa final de seu trabalho diário – a coagulação do látex.”³²

Cabe dizer que muitos seringueiros eram migrantes, sendo que grande parte vinha do Nordeste, atraída pela possibilidade de enriquecimento, além da fuga das secas. O seringueiro entregava

²⁹ SARGES, Belém, 2010, p. 158. Sobre a *Belle Époque* na Amazônia, ver ainda: Dias (1999); Daou (2004).

³⁰ WEINSTEIN, p. 31.

³¹ DEAN, *A luta pela borracha no Brasil*, 1989, p. 68.

³² WEINSTEIN, p. 31.

o que produzia ao ‘patrão’, o dono do seringal, que depois enviava a borracha rumo a Belém ou Manaus. A casa aviadora recebia a borracha e decidia quando e a quem vender no exterior.

As obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral descrevem o contexto da produção da borracha, com um enfoque especial no seringal, abordando o cotidiano do seringueiro. Os dois possuem em comum o fato de terem vivido a mesma experiência como migrante nos seringais da Amazônia no início do século XX, sendo que Castro era europeu e Amaral era nordestino. Nesse sentido, para Chaves, Rodrigues e Lira, a obra de Ferreira de Castro guarda “contribuições relevantes para compreensão da realidade contemporânea da Amazônia”, haja vista que tal obra se constitui em “fonte de pesquisa indispensável a todos que pretendem lançar um olhar mais aprofundado sobre esta região.”³³ Já para Isabel Cristina Martins Guillen, a literatura de cordel nos permite discutir “como os próprios migrantes representaram sua condição bem como os locais de onde partiram e onde pretendiam chegar.”³⁴ De fato, as obras dos dois autores nos permitem várias reflexões acerca da relação entre homem e natureza, objeto da história ambiental.

Olhares sobre os seringais da Amazônia

Uma primeira questão importante a se analisar nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral é como os seringais da Amazônia são retratados pelos dois autores, já que esse olhar sobre a região parte de dois migrantes, não de nativos. Nessa questão, temos duas interpretações distintas sobre a visão de Ferreira de Castro sobre a Amazônia. A primeira é a de Chaves, Rodrigues e Lira, que afirmam que em *A Selva*, “encontra-se expressa uma visão da Amazônia que aprisiona e embrutece o homem vindo da Europa ou de outro lugar ‘civilizado’”; a selva é apresentada “como um ‘ser’ que possui vontade própria e reina sobre o homem,

³³ CHAVES; RODRIGUES; LIRA. Amazônia: as relações sociais sob o prisma da narrativa de Ferreira de Castro, 2007, p. 14.

³⁴ GUILLEN, *Errantes da Selva*, 1999, p. 157.

o qual se queda impotente diante da sua grandeza e magnitude.”³⁵

A segunda interpretação é a de Vander Madeira, que indica que em *A Selva*, Ferreira de Castro “nos apresenta um panorama em que não falta violência, perigo, medo, desvios e loucura. Mas nenhum desses elementos supera a força da solidariedade, nega ou diminui a condição humana dos personagens.” Desse modo, o meio, sua descrição e influência sobre os indivíduos também se apresentam em *A Selva*, “mas o homem que nos surge no romance, até pela variedade de tipos, não está condenado a se revelar monstro ao atravessar o portal da floresta.” Ao contrário do que indicavam as teorias deterministas, “em vários momentos do romance encontramos a emergência de manifestações daquilo que de melhor o homem teria.”³⁶

De fato, as duas interpretações são possíveis, não se pode reduzir a visão de Ferreira de Castro sobre a Amazônia à apenas a uma das interpretações citadas, já que ambas estão presentes em *A Selva*. Entretanto, cabe salientar que na obra a floresta ganha grande destaque. O próprio Ferreira de Castro afirma que pretendia na sua obra que o cenário da selva, “mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso.”³⁷ O autor assim criticava as abordagens da selva nos “milhentos romances de aventuras”, onde a “imaginação dos seus autores, para lisonjear os leitores fáceis, se permitira todas as inverossimilhanças, todas as incongruências.”³⁸

Descrição significativa do cenário do seringal é feita no capítulo VIII:

Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros e tirânica, tirânica! Nunca árvore alguma daquelas lhe dera uma sugestão de beleza,

³⁵ CHAVES *et. alli.*, p. 14.

³⁶ MADEIRA, Caminhos cruzados, 2007, p. 06.

³⁷ CASTRO, pp. 18-19.

³⁸ CASTRO, p. 18.

levando-lhe ao espírito as grandes volúpias íntimas. Ali não existia mesmo a árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada. (...) A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta, que eles julgavam, ilusoriamente, ter vencido com a sua actividade, o seu sacrifício e a sua ambição.³⁹

Nesse momento da narrativa, o personagem Alberto se desespera ao perceber que terá de ficar por muito tempo no seringal para quitar a sua dívida. Em tal contexto, a natureza ganha para ele um significado negativo, a beleza que ela proporcionava no início se desfaz. A floresta se torna assim um ‘inimigo’ a ser vencido, pois naquelas condições, só ela ‘tinha vontade e imperava despoticamente’, a exemplo do período das cheias nos rios, quando as atividades dos seringueiros eram afetadas. Dessa maneira, ‘os homens eram títeres manejados’ pela natureza, pois tinham que levá-la em consideração em qualquer tarefa do cotidiano. Nessa passagem se encontra mais claramente o que Ferreira de Castro pretendia em sua obra, tratar a selva como ‘uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível’.

Já Firmino Teixeira do Amaral, diferentemente de Ferreira de Castro, não faz grandes descrições da floresta. Seus folhetos se concentram na figura do seringueiro, e a sua trajetória do Nordeste ao seringal amazônico. Para Amaral, a Amazônia é sinônimo de ilusão, como nos indicam os versos abaixo:

Amazonas é um filtro
aonde reina a ilusão
suplício da mocidade,
vereda da perdição
céu dourado da riqueza

³⁹ CASTRO, pp. 133-134.

força cruel da pobreza,
escada do turbilhão.⁴⁰

Os pobres que não conhecem
a vida no seringal
e ouvem dizer que lá tem
riqueza descomunal,
correm atrás da riqueza,
mas... só encontram torpeza
na luta triste infernal!⁴¹

Lá bebi gota de fel,
Daquelle bem amargoso,
Dei graças a Deus sahir,
Me julgo bem venturoso;
Hoje sei que o Amazonas
É um sonho vil, enganoso.⁴²

No fim do século XIX e início do XX, um grande número de nordestinos migrou para a Amazônia, que nessa época vivia o auge da economia da borracha, em busca de riqueza.. Nesse contexto, a migração para a Amazônia era vista como uma perspectiva de melhoria de vida. Essa visão da Amazônia era estimulada pelos donos dos seringais, que necessitavam de mão de obra para a extração do látex.

Os versos de Amaral apontam uma trajetória muito comum do migrante nordestino: a experiência do sonho de riqueza e da ilusão na floresta. Franciane Gama Lacerda aponta que, se nas representações sobre a Amazônia, “sobressaem as agruras da vida na floresta”, tão importante quanto essas imagens é “a idéia de um verdadeiro ‘Eldorado’ que se propaga sobre a região.”⁴³ Amaral não deixa de citar essa representação da Amazônia que circulava

⁴⁰ AMARAL, sd., p. 01.

⁴¹ AMARAL, sd., p. 04.

⁴² AMARAL, sd., p. 09.

⁴³ LACERDA, *Migrantes cearenses no Pará*, 2010, p. 132.

na época como ‘céu dourado da riqueza’ e de ‘riqueza descomunal’, contudo, a imagem mais forte que ele trouxe de sua experiência na região é de que a mesma é ‘aonde reina a ilusão’, um ‘sonho vil e enganoso’ encontrando-se apenas ‘torpeza’ na ‘luta triste infernal’. Assim, o valor atribuído por Amaral à região é negativo. Isabel Guillen aponta que o que é comum nos folhetos que descrevem a vida nos seringais “é o caráter ilusório, enganoso, dos sonhos que motivaram a ida para a Amazônia.”⁴⁴

“Saudades da minha terra”: comparações entre a Amazônia e a terra natal

Um recurso utilizado pelos dois autores é a comparação entre a Amazônia e a terra natal, sendo mais significativa nos versos de Amaral. Ao mesmo tempo em que se refere à Amazônia, Firmino Teixeira do Amaral também evoca o Nordeste, principalmente a sua terra natal, o Piauí. Portanto, não podemos dissociar o seu olhar sobre a Amazônia das representações sobre o Nordeste. Para Isabel Guillen, “a presença do Nordeste nos cordéis sobre os seringais não pode ser pensada apenas como recurso narrativo, utilizado pelo poeta para se estabelecer comparações”, pois se trata do “lugar para onde se deseja voltar.”⁴⁵ Nesse sentido, enquanto que a Amazônia para o poeta é apenas uma ‘ilusão’, uma experiência que não trouxe boas recordações, o Nordeste é retratado positivamente:

Tenho saudade das flores
D’aquelas verdes campinas
Dos picos, serros e córregos,
Fontes d’aguas chrystalinas
Onde pelo meio dia
Bebem as aves peregrinas.⁴⁶

A vida no Piauhy
É um thesouro insondável,

⁴⁴ GUILLEN, p. 178.

⁴⁵ GUILLEN, p. 178.

⁴⁶ AMARAL, s/d., p. 02.

O Piauí é quem tem
O clima mais agradável,
Que, quase sempre, por todos
É um Estado invejável.⁴⁷

Tenho saudade dos pássaros
Que cantam no Piauí:
O rouxinol, o canário,
O japim, o bem-tivi;
o bicudo, o sabiá
E o queixoso juruty.⁴⁸ (AMARAL, s/d: 3).

De fato, nos versos de Amaral, a vida no Piauí é idealizada como um “thesouro insondável”. O que ganha destaque são as “fontes d’aguas chrystalinas” onde “bebem as aves peregrinas”. Amaral também destaca a natureza da região, o clima ‘mais agradável’, com a presença de várias espécies de pássaros.

Podemos relacionar os versos de Amaral com os versos de Juvenal Galeno, do ano de 1904, sobre o Ceará, analisados por Franciane Gama Lacerda. Nos versos de Galeno, “surge uma imagem pouco recorrente, de um sertão que também pode ser um paraíso”. Sua representação “idílica e ufanista permite entrever um espaço cuja vida surge em profusão, por meio da natureza.” Outro poeta citado por Lacerda é Alípio Bandeira, do Rio Grande do Norte, que tinha uma série de poemas publicados em 1915 no jornal *Folha do Norte*, de Belém do Pará. Os versos de Alípio revelavam “cenar de uma feliz vida campestre no sertão”, com “belezas naturais, tranqüilidade, água para beber e comida”.⁴⁹

Também podemos relacionar as representações de Firmino Teixeira do Amaral sobre a Amazônia e o Nordeste com as imagens da cidade e do campo na literatura inglesa analisadas

⁴⁷ AMARAL, 1916, p. 4.

⁴⁸ AMARAL, s/d., p. 3.

⁴⁹ LACERDA, p. 117-118.

por Raymond Williams.⁵⁰ Um poeta do século XIX analisado por Williams é John Clare, no qual se pode encontrar de um modo explícito, “reações intensamente sentidas aos aspectos visíveis das mudanças recém-ocorridas no meio rural.”⁵¹ Na poesia de John Clare, Williams aponta que há também a “perda de uma paisagem especificamente humana e histórica, que gera sentimentos não por ser ‘natural’, e sim por ser ‘natal’.”⁵² Identificamos situação semelhante na poesia de Firmino Teixeira do Amaral. A idealização específica do Piauí e de sua natureza se deve mais pelo fato de ser a terra natal do autor. Esse sentimento se sobrepõe inclusive à questão da seca, que deve ter levado Amaral a migrar para a Amazônia. Apesar de a Amazônia ser vista muitas vezes como um local com abundância de rios, animais e plantas, nada disso importa para o poeta, que parece a todo o momento contrapor a vida de seringueiro que levou na Amazônia com a vida que gostaria de ter tido no Piauí. A Amazônia é representada como a terra das ilusões, e o Piauí como o melhor lugar para se viver. A idealização da terra de origem também era uma estratégia para esquecer os problemas vividos na Amazônia e os sonhos perdidos.

Ao analisar os folhetos sobre os seringais, Isabel Guillen aponta uma estrutura que engloba todo o processo das histórias: em primeiro lugar, “o sertão nordestino é descrito como o Paraíso.” A queda do Paraíso “resulta da seca e temos como consequência a expulsão (migração).” Por último, “é a vida no seringal descrita como um eterno penar, resultado da queda do Paraíso, que leva mais uma vez à imagem do inferno.”⁵³

Ferreira de Castro também se utiliza do recurso de comparar a Amazônia com a terra natal, Portugal, embora numa proporção menor que Firmino Teixeira do Amaral. Ao ler a carta enviada

⁵⁰ Williams aponta que foram construídas ao longo do tempo várias imagens contrastantes, o campo passou a ser associado a uma “forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples”; já à cidade associou-se a idéia de “centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1989, p. 11).

⁵¹ WILLIAMS, *O campo e a cidade*, 1989, p. 190.

⁵² WILLIAMS, p. 193.

⁵³ GUILLEN, p. 185.

pela mãe, de que já podia retornar a Portugal, pois os insurretos de Monsanto haviam sido anistiados, o personagem Alberto se recorda de sua terra natal:

O que desejava, sobretudo, era ver o cenário perante o qual eles representavam. As ruas de Lisboa, as salas da Faculdade, os primeiros con-discípulos, a sua casa e sua mãe... A mãe! Como lhe custaria pouco o acto, outrora inadmissível, de renunciar às velhas aspirações, se tanto fosse necessário, para volver à terra distante!⁵⁴

Ferreira de Castro, assim como Firmino Teixeira do Amaral, contrapõe a vida que leva no seringal com a vida que gostaria de ter tido se permanecesse em Portugal. Segundo Chaves, Rodrigues e Lira, ao mesmo tempo em que Castro “reconhece a beleza, a grandeza, magnitude e majestade da selva”, afirma que tudo aquilo se constituiria em “monotonia sem fim, com o passar do tempo. Toda aquela beleza já não mais importaria como no primeiro instante, se alguém tivesse que permanecer por muito tempo naquele local.”⁵⁵ Nesse sentido, o personagem Alberto assim imaginava a sua chegada em Portugal:

Via-se já, com grande alvoroço íntimo, a desembarcar em Lisboa e a enternecer-se ante a cidade prenhe de recordações: - “Foi aqui que me sucedeu isto, foi ali que me sucedeu aquilo...” Depois eram os abraços da mãe, chorando e velhinha, em delirante contentamento. Mais tarde seriam os amigos, à mesa do café: ele a falar do que vira e do que fizera, dos seus heroísmos anônimos e das suas abominações.⁵⁶

Outra comparação em *A Selva* é feita pelo personagem Alberto em relação aos seringueiros. Na obra de Ferreira de Castro, o personagem Alberto muitas vezes se sentia ‘superior’ aos seringueiros, tanto pela sua origem quanto pela sua formação, tendo iniciado os estudos em Direito. Quando chega ao seringal Paraíso, ao encontrar os seringueiros, o personagem relata que “de novo se sen-

⁵⁴ CASTRO, p. 193.

⁵⁵ CHAVES *et all*, p. 16.

⁵⁶ CASTRO, p. 194.

tia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente.”⁵⁷ Outro episódio significativo é quando Alberto viu Agostinho tendo relações sexuais com uma égua. Mesmo com a justificativa de Firmino, de que no seringal não havia mulheres, Alberto “sentiu-se novamente diferente e de todo separado daqueles homens, pelo nojo que lhe provocavam.”⁵⁸

Além do personagem Alberto, os seringueiros que eram migrantes nordestinos também tinham esse sentimento saudosista em relação à terra natal, como Ferreira de Castro deixa expresso na passagem a seguir:

Mas, lá longe, mal chegados à Amazônia, o que queriam era voltar. Mesmo os que se haviam arrastado em êxodo, deixando, durante o trajecto, os pais velhinhos em delírio, ou mortos os filhos de tenra idade, não pensavam noutra coisa além do sertão distante.⁵⁹

Podemos dizer que nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral os seringais da Amazônia e a terra natal dos autores aparecem de forma contrastante. A Amazônia recebe uma representação negativa; por outro lado Portugal e o Piauí aparecem de forma positiva, chegando mesmo a serem idealizados.

Representações sobre o patrão

Um personagem do seringal que merece atenção especial quando se analisa *A Selva* e *A vida do seringueiro* e *Despedida do Piauí*/ *O rigor no Amazonas* é o patrão, o dono do seringal. Segundo Bárbara Weinstein, o patrão do seringueiro era ou “o grande proprietário da terra (seringalista) que ‘arrendava’ as estradas ao seringueiro, mediante uma porcentagem da borracha extraída”, ou “o comerciante local (conhecido geralmente como ‘aviador’) que controlava informalmente a produção e o comércio da borracha

⁵⁷ CASTRO, p. 70.

⁵⁸ CASTRO, p. 103.

⁵⁹ CASTRO, p. 137.

na área”, negociando a produção dos seringueiros e mantendo-os abastecidos de ferramentas, víveres e quaisquer extravagâncias a que se pudessem dar ao luxo.⁶⁰

Em primeiro lugar, vamos analisar como Firmino Teixeira do Amaral aborda a figura do patrão. O que transparece nos folhetos de Amaral é que o maior ‘inimigo’ do seringueiro não é a floresta em si, mas o patrão, o dono do seringal:

Os tais patrões quando baixam
em busca de pessoal
fazem do Amazonas
paraíso terreal;
dizem prometendo ouro:
- minha casa é um tesouro,
é um céu meu seringal.⁶¹

Os patrões dizem assim
quando é para laça-los
oferecem mil vantagens
até a bordo bota-los;
se prestam dignamente
para depois cruelmente
no cativeiro joga-los.⁶²

Muitos moços educados
De certa cathegoria,
Cahindo no Amazonas,
No seio da tyrannia
Dos patrões, almas de rato...
Digam adeus – “Até um dia!”⁶³

A idéia de ‘ilusão’ que o poeta piauiense atribui à Amazô-

⁶⁰ WEINSTEIN, pp. 32-33.

⁶¹ AMARAL, s/d., p. 02.

⁶² AMARAL, s/d., p. 04.

⁶³ AMARAL, 1916, p. 7.

nia é em grande parte devido às promessas que os patrões fazem aos migrantes nordestinos, oferecendo-lhes ‘mil vantagens’. Os versos de Amaral focam nas relações sociais, e não na relação com a natureza. Desse modo, os patrões são retratados negativamente, como ‘almas de rato’⁶⁴, já que enganam os seringueiros, que vindo para a Amazônia acabam por cair ‘no seio da tyrannia’. Isabel Guillen afirma que os folhetos que têm o seringal como tema “não se diferenciam, no trato da questão social, daqueles que denunciam os maus patrões nordestinos ou a seca, pois na sua estrutura narrativa são em muitos aspectos semelhantes.” Assim, “sobressai o caráter de lamento, mais ou menos impotente.”⁶⁵ Nesse sentido, os patrões são nos folhetos os responsáveis pelas dificuldades que o migrante nordestino encontra no seringal.

Na narrativa de Ferreira de Castro percebemos que o maior inimigo do seringueiro é a floresta, não o patrão. As relações do seringueiro com a floresta impunham mais dificuldades do que as relações com o patrão. Assim, segundo Chaves, Rodrigues e Lira, Ferreira de Castro efetiva a transferência do sentimento de subordinação, que predomina nas relações de produção que escravizam o seringueiro para a floresta. Portanto, tendo em vista a necessidade de ter que lidar com ela, sem, todavia, conseguir visualizar formas de dominá-la ou submetê-la à sua vontade, “seu maior desafio era a sobrevivência naquele meio hostil, atribuindo a ela a causa de sua prisão e transformando-a em sua inimiga.”⁶⁶

Juca Tristão, o dono do seringal Paraíso em *A Selva*, em várias passagens da narrativa explora os seringueiros cobrando-lhes um preço exorbitante nos produtos que vendia, além de punir os

⁶⁴ A representação do patrão como “alma de rato” se trata de um recurso muito utilizado pelos poetas de cordel: o de desumanizar os vilões das histórias, atribuindo-lhe características não-humanas. Isso é comum especialmente nos folhetos com histórias de crimes de grande repercussão. Para as representações dos criminosos nos folhetos de cordel, ver: [Menezes Neto \(2011\)](#).

⁶⁵ GUILLEN, p. 175.

⁶⁶ CHAVES *et alli*, 2007, p. 22.

seringueiros fugitivos inclusive com castigos físicos. Contudo, Juca Tristão fazia parte de uma cadeia de exploração em que ele também era explorado, como nos aponta a passagem a seguir:

Era uma exploração em cadeia. A casa aviadora explorava Juca, ele, por sua vez, explorava os seringueiros, que eram, no fim, os únicos explorados. Mas Juca podia, ao menos, protestar, enquanto que aos seringueiros nem sequer isso seria permitido.”⁶⁷

Logicamente, a exploração que Juca Tristão sofria em relação à casa aviadora era menor, já que esta era mais relacionada à questão financeira. Acrescente-se a isso o fato de que Juca Tristão podia “ao menos protestar”.⁶⁸ Mas é importante ressaltar que o patrão não representava o topo dessa cadeia de produção da borracha, não era o responsável por toda a produção, era apenas um componente de todo um sistema, sendo também explorado.

Quando relacionamos à questão das falsas promessas aos migrantes nordestinos quando estes eram recrutados ainda no Nordeste, objeto bastante explorado nos versos de Firmino Teixeira do Amaral, Ferreira de Castro não responsabiliza diretamente o patrão, e sim, subordinados dele, que tinham a tarefa de trazer mais trabalhadores para o seringal:

Eu tenho estado sempre a dever. Não há maneira de me livrar desta conta! Quando seu Alípio foi ao Ceará buscar pessoal, me disse que um homem enriquecia logo que chegava aqui. Eu acreditei naquelas lorotas e, afinal, ainda não paguei a passagem. Eles, assim que nós chegamos, já não dizem mais coisas bonitas. Vendem tudo muito caro, que é para o seringueiro não arranjar saldo e ficar toda a vida nestas brenhas do diabo.⁶⁹

O relato acima é do seringueiro Firmino, em uma conver-

⁶⁷ CASTRO, p. 226.

⁶⁸ CASTRO, p. 226.

⁶⁹ CASTRO, p. 95.

sa com Alberto, quando este inicia o seu trabalho como seringueiro. Segundo Firmino, foi Alípio, um dos empregados de Juca Tristão que lhe disse que um homem enriquecia nos seringais, o que acabou por não se confirmar, já que ele sempre tem ‘estado a dever’. Essa abordagem em *A Selva* é bastante distinta dos folhetos de Firmino Teixeira do Amaral, que responsabiliza diretamente o patrão pelas falsas promessas aos seringueiros.

Considerações finais

A análise das obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral nos permite entender vários aspectos dos seringais da Amazônia no início do século XX. Apesar da preocupação estética com a obra literária, os autores são influenciados pela experiência que tiveram nos seringais. Cada qual tem um olhar sobre o seringal e seus personagens, olhar que às vezes se aproxima, outras se distancia.

A análise das representações e valores atribuídos aos seringais da Amazônia na literatura de Ferreira de Castro e nos folhetos de cordel de Firmino Teixeira do Amaral nos remete a idéia de Regina Horta Duarte, de que “somos nós que, construímos sentidos para o universo e para a natureza”. Não que eles só existam à medida que pensarmos neles como uma criação de nossa mente. Mas “o que pensamos sobre eles é algo criado por nós.”⁷⁰ Do mesmo modo, como indica Donald Worster, a ‘natureza’ não é uma idéia, “mas muitas idéias, significados, pensamentos, sentimentos, empilhados uns sobre os outros, frequentemente da forma menos sistemática possível”.⁷¹

As representações sobre a Amazônia também são importantes no sentido de que o meio ambiente constitui, segundo Paulo Henrique Martinez, “estimulante porta de entrada para a compreensão de todas as sociedades e, dentre elas, da brasileira, além de conter um valioso potencial para a construção do conhecimento

⁷⁰ DUARTE, *História & Natureza*, 2005, p. 77.

⁷¹ WORSTER, 1991, p. 210.

histórico”.⁷² E a literatura pode ser uma fonte que nos ajuda a compreender as vivências e o modo como os sujeitos sociais se situavam perante a Amazônia. Destacamos aqui particularmente o caso da literatura de cordel, fonte que infelizmente não tem recebido a merecida atenção dos pesquisadores, do que, por exemplo, os relatos de viajantes e de literatos como Ferreira de Castro, Euclides da Cunha e Alberto Rangel.

Firmino Teixeira do Amaral é apenas um exemplo dos muitos poetas, migrantes ou não, que escreveram suas impressões sobre a Amazônia em versos de cordel. Os folhetos atingiam muitos leitores e ouvintes das camadas sociais mais diversas, os quais vários certamente se identificavam com os relatos do poeta piauiense sobre o seringal e sobre a vida dos seringueiros. Assim, os versos de cordel devem também ser considerados como impressões relevantes sobre a Amazônia, ao lado dos relatos de viajantes e obras literárias.

Referências

Folhetos de cordel

AMARAL, Firmino Teixeira do. **A vida do seringueiro**. Belém: Guajarina, s/d.

_____. **Despedida do Piauí/ O rigor no Amazonas**. Belém: Typ. Delta – Casa Editora, 1916.

Site consultado

Academia Brasileira de Literatura de Cordel – “Grandes cordelistas”. Disponível em:

<https://goo.gl/pKDVoq>.

Centro de Estudos Ferreira de Castro - “Cronologia”. Disponível em: <https://goo.gl/IyhCKr>.

Bibliografia

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

⁷² MARTINEZ, *História ambiental no Brasil*, 2006, p. 23.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 39 ed. Lisboa: Guimarães Editora, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo. (orgs.). **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAVES, Maria; RODRIGUES, Débora; LIRA, Talita. Amazônia: as relações sociais sob o prisma da narrativa de Ferreira de Castro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 3, set-dez, 2007.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, vol. 4, n. 8, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da Selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1999.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: facas da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açaí/ Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MADEIRA, Vander. Caminhos cruzados. *Revista Crioula*. n. 1, maio de 2007.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História ambiental no Brasil**: Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

PONTES, Roberto. Realismo de 70 e Neo-realismo português. *Revista de Letras*. n. 27, vol. 1/2, jan/dez, 2005.

SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9

_____. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do

Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

VICENTE, Zé (1898-1975). **Zé Vicente**: poeta popular paraense. Introdução e seleção Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: HUCITEC, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. [1988]. *Estudos Históricos*, vol. 4, n. 8, 1991.

_____. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. [1990]. *Ambiente e Sociedade*. Vol. V, n. 2, ago./dez. 2002 – vol. VI, n. 1, jan./jul. 2003.